

+

Ensino à distância,
seguros a aprender | P.3

◁

Francisco Ribeiro, EBS D.^a Lucinda Andrade (São Vicente)



N.º **7**

VI série

abril

2021

EDUCAÇÃO



@PVnaEscola

A ruína da reputação

Foi no 7.º ano que Constança e Rodrigo se conheceram, quando este perdeu o ano. Com o passar do tempo, foram-se aproximando, fazendo com que Rodrigo se apaixonasse por Constança. No entanto, esse amor não era recíproco. No 10.º ano, Rodrigo começou a ganhar notoriedade devido ao futebol, e foi aí que Constança começou a vê-lo com outros olhos. Passados dois anos, os dois jovens assumiam uma relação séria. Foi aí que Constança começou a revelar-se. Rodrigo era um aluno de notas medianas e esforçado, mas não tanto como o era no futebol, onde era bastante reconhecido, sendo o capitão da sua equipa. Era humilde, ao contrário da namorada que, por pertencer a uma família de classe alta com grande influência, se achava mais do que os outros. No entanto, era vista como uma pessoa de bem, tinha boas notas e um futuro promissor. Só que nem tudo o que parece é... Este relacionamento, aparentemente perfeito, não passava de um relacionamento abusivo por parte de Constança. Tudo começou com o facto de ela ser controladora e possessiva, ao ponto de terem de fazer tudo juntos. Tinha o controlo total das redes sociais e desenhava um futuro em conjunto até no próprio emprego. O sonho de Constança era estudar medicina na universidade mais prestigiada do país, obrigando Rodrigo a seguir o mesmo caminho através dos seus jogos psicológicos.

Sandra Freitas
EBS/PE da Calheta

Mas como este pertencia a uma classe média não tinha posses financeiras para sustentar uma vida académica tão cara, nem tinha média para tal, tendo como única opção estudar enfermagem e arranjar um *part-time* para conseguir pagar as despesas. Foi aí que Constança começou a ficar ainda mais possessiva, ao ponto de recorrer à violência física, deixando o corpo do namorado cheio de marcas. Rodrigo, envergonhado com a sua situação, optou pelo silêncio, escondendo o que estava a sentir devido à vergonha e à chantagem que a namorada lhe fazia. Se ele contasse a alguém, ela ameaçava mutilar-se e culpá-lo de violência, pelo que ele seria preso, pois já era maior de idade. Foi então, no balneário do local onde trabalhava, que um dos colegas de Rodrigo reparou nas marcas que tinha no corpo e decidiu ajudá-lo a arranjar provas para fazer uma denúncia à polícia, arruinando a reputação de Constança. Após ter sido confrontada pela família, que a queria internar num hospício, Constança não conseguiu lidar com o facto de a sua reputação ter sido manchada e suicidou-se, deixando Rodrigo livre, mas sempre com um sentimento de culpa.

Girassol



Matilde Santos
Escola da APEL
(Funchal)

A Menina Helena

É com prazer que falo da Menina Helena, uma enorme referência para todos os colaboradores e alunos da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco (EBSGZ). Viu nascer a escola e passou pelos diferentes edifícios que a escola ocupou, até finalmente esta se fixar, em definitivo, junto ao estádio dos Barreiros. Há muito tempo que era chefe dos funcionários de ação educativa. Dos diferentes testemunhos que recolhi, destaco o seu sentido de responsabilidade enorme e a sua prestimosa cooperação com todos. Sei que, com o conselho executivo, fazia a coordenação e gestão dos espaços da escola, tentando que tudo se complementasse e que tudo ficasse em pleno. **A Menina Helena foi acarinhada e é recordada por todos os que com ela partilharam o espaço escolar.** Todos elogiam a sua grande energia e capacidade de supervisão de qualquer recanto da escola e acrescentam que «ninguém conhece melhor a escola do que ela». Segundo a presidente da direção da escola, «o seu espírito e sentido de missão levava-a a trabalhar acima daquilo que lhe propunham, despachava serviço e apresentava um cunho pessoal àquilo que fazia.

Não ficava para trás, pelo contrário, chegava-se à frente nas situações, ainda que fossem difíceis; tratava um pouco de tudo. Não era por falta de espaço que um professor não realizava uma atividade. Ela sempre encontrava um espaço. Além de tudo isto, em dias especiais, ainda tinha tempo de criar arranjos na sala de sessões bastante elaborados para a ocasião». Constatando, desde que estou na escola, que nela se mantém uma diversidade de animais, sendo a menina Helena a cuidar de todos eles com muito carinho. Esta mulher é a funcionária mais antiga da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco – e apesar de se encontrar reformada, pois acabou de completar 70 anos, idade-limite do exercício de atividade do funcionário público – permanece entre nós e, voluntariamente, mantém-se ao serviço, passando o testemunho à nova chefe dos funcionários. A Menina Helena acabará por deixar de estar, fisicamente, presente, mas a sua personalidade e a sua bondade perdurarão na memória de todos os alunos, e ficará sempre ligada à história da EBSGZ.

Eva Oliveira
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



Editor... por um dia

Peguei numa caneta, num papel e comecei a escrever. Estava no terceiro ano, tinha apenas oito anos, e, desde então, o sonho de publicar um livro permaneceu sempre em mim.

Escrever permitia-me dar largas à minha imaginação sempre que quisesse, desabafar qualquer coisa que me perturbasse. E agora, muitas vezes, escrevo quando estou em busca de algo dentro da minha alma, no seu canto mais profundo. Assim, escrever deixa de ser apenas “conversar” para um papel e passa a ser uma parte de nós, algo para além daquilo que sentimos.

Um dos momentos mais marcantes e que me fez escrever muito foi a quarentena.

O estar longe e isolada de todos fazia-me sentir cativa a cada dia que passava. Eram momentos monótonos, mas vivos, porque podíamos fazer tanto! Apesar disso, fui vendo que, com o passar do tempo, me tornava diferente. Tinha um olhar novo para o mundo que me rodeava, e quis gravar no papel todos aqueles momentos, ora de solidão, ora de mágoa, ora de fúria, ora de alegria, uma vez que tudo aquilo fazia parte da minha história e que eu ansiava tanto por escrever.

Penso que preciso de viver primeiro para escrever um livro. Viver é essencial. Só precisamos de um pouco de vida para escrevermos a nossa própria história. E acho que todos nós temos uma bem escondida, mas que se vai revelando com o passar do tempo. Por isso, escrever é importante para nos encontrarmos connosco mesmos nas palavras, para despertar a nossa alma para o mundo que existe em nós. Escrever é ser alguém que procura algo em si mesmo, numa busca que não tem um fim. A melhor parte na escrita é que podemos desejar e ser tudo quanto queremos e podemos ser.

Sempre achei que não tinha um motivo para escrever uma história sobre mim. Pelos vistos, a pandemia fez-me mudar de ideias. Agora tenho uma história para escrever, algo para contar, uma razão para que haja tanta imaginação e vivência em mim.

E tu, que contas?

Durante uma tarde, a editora convidada esteve com a equipa do 'Ponto e Vírgula'. Criou títulos, selecionou destaques nos textos, escolheu a chamada de capa e ainda fez uma ou outra proposta de revisão. Este editorial faz parte desse envolvimento na publicação do suplemento.



Maria Antónia Dinis
ES de Francisco Franco
(Funchal)

Ensino à distância, seguros a aprender

O confinamento tem mostrado ser o método mais eficaz à não propagação do vírus, contudo, este procedimento é negativo em alguns aspetos, podendo refletir-se sobretudo no ensino e na saúde mental. Em março de 2020, foi anunciado o ensino à distância; milhares de alunos e professores saíram da escola e passaram a dedicar-se ao teletrabalho. Muitas foram as adversidades descobertas pelo caminho e grande parte das mesmas são, ainda hoje, um obstáculo para quem se tenta instruir ou lecionar a partir de casa.

Os problemas são numerosos e vão desde a escassez de equipamentos à falta de zonas de estudo; para além disto é necessário que se lide com a desconexão entre professores e alunos e o grande problema que é a falha na comunicação. «Passamos demasiado tempo em frente ao computador e isso causa-nos dores de cabeça e muito cansaço; também para nos poderem avaliar, os professores acabam por mandar muitos trabalhos, sobrecarregando-nos.»

É a opinião de Lara Freitas, aluna da Escola Básica e Secundária de Santa Cruz, que é partilhada por muitos outros estudantes. No entanto, não são apenas os alunos que se sentem afetados pelas condições. Cecília Gonçalves, professora de Português da escola de Santa Cruz, afirma que, agora mais do que nunca, se torna complicado avaliar os alunos de forma justa. Contudo, existem outras complicações. «Nas disciplinas de prática artística, creio que o maior problema foi a ausência de materiais específicos existentes na sala de aula. A nível geral, um dos problemas maiores que sinalizei foi o amplificar das desigualdades sociais, ou seja, na escola em modo presencial, a maioria dos alunos trabalha em equidade de circunstâncias, enquanto no ensino *online* cada pessoa trabalha conforme as suas circunstâncias materiais e familiares.»

(...) Outro fator que me fez sentir desmotivação foi a desumanização do ensino, pois ainda creio que a socialização

e o contacto humano na comunidade escolar são muito importantes para a aprendizagem de todos», tal como refere Eurico Santos, professor de Educação Visual da mesma escola.

Convém ainda realçar que estes tempos de medo e incerteza desencadeiam, sobretudo na adolescência, complicações como a solidão.

Porém, não nos podemos esquecer que o isolamento social continua a ser a maneira mais segura de enfrentar esta pandemia. Deste modo, se queremos voltar ou pelo menos tentar regressar ao que antes era chamado de “normal”, é fulcral que por agora fiquemos por casa.

Jacinta Melim
EBS de Santa Cruz



Natália Correia

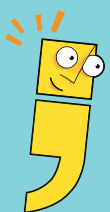
Intelectual, ativista social
Poetisa, que se elevou ao essencial.
História e memória guardada ao ponto
Sempre pronta para o confronto.

Vivia numa década de censura,
Mas mesmo assim viu uma abertura
Esta Mulher nunca sucumbiu
E, por fim, os seus trabalhos exibiu.

Trabalhos que falavam de tudo,
Mas de tudo mal falava,
A censura via nela a sombra
E de toda a forma tentava calá-la.

Natália Correia é o nome de Mulher
A musa de poemas com sabor a mel
Ela será sempre O Poema,
A palavra doce que destrói o fel.

Natacha Gonçalves
ES de Jaime Moniz
(Funchal)



'Besties'



Ana Isabel Lobo
EBS da Ponta do Sol

1 ponto!



200 

Inês e a contemporaneidade

Antigamente, no século XVI, o quotidiano de uma jovem era muito solitário e infeliz, pois, como mostra a Farsa de Inês Pereira, ficava o dia inteiro em casa a bordar e a fazer as tarefas, mas... e se esquecêssemos essa Inês e a ressuscitássemos na atualidade?

Numa esplanada da cidade, todos cochichavam sobre a beleza que estava sentada numa das mesas. Quem seria? De repente, um dos curiosos associou-a a Inês Pereira, que há cinco anos partira para os Estados Unidos para fazer um curso de... qualquer coisa. Mas que transformação! Toda ela exalava *States*: a roupa, o cabelo louro esvoaçante, os grandes óculos de sol, o ar forasteiro e a descontração. Inês que, efetivamente, regressara na véspera, indiferente a tudo, bebericava o seu Martini enquanto pensava no *franchising* que trouxera, a *Model Arts*. Este era um projeto americano sobre artes, em que estas operavam em perfeita interligação: desenho, pintura, escultura, trabalhos manuais, entre outros. Era um projeto grandioso, onde todos os amantes da arte se podiam enquadrar. Efetivamente, durante a sua especialização nos *States*, na *Internacional School of Arts*, começara a colaborar com a empresa, garantindo a sua independência económica. Por motivos familiares, decidira regressar e a sua proposta para trazer o Projeto fora bem aceite; agora era necessário arregaçar as mangas e pô-lo em prática.

Inês abandonou a esplanada e subiu para a sua PCX preta recém-adquirida, e dirigiu-se ao prédio que havia comprado para instalar o projeto. Durante o trajeto, revia a paisagem e, inadvertidamente, comparava-a com a americana. Era diferente, mas... enfim, era a sua terra.

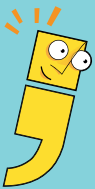
A moto rodava e ela sorria com a preocupação da mãe; esta perguntara-lhe pelo seu estado civil e lembrara-lhe os netos que ambicionava. Querida mãe, para ela isso era tão importante, mas para Inês esses objetivos não estavam num horizonte próximo. Tivera alguns *boyfriends*, nada de especial, e agora dar continuidade ao projeto era a sua finalidade.



Carolina Cabral
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



3 pontos!



2 pontos!



pausa

Abrços confinados

Em tempos de pandemia, as circunstâncias assolam tudo aquilo que, outrora, tomáramos por garantido. De facto, além de confinados a pequenos metros quadrados, estamos, agora, refugiados no mundo digital, acudindo, agonicamente, à fragilidade das relações humanas. Assim sendo, embora privados da liberdade de movimentos, a renúncia ao convívio social é inconcebível. As temporadas que se afiguram demandam esta utopia, mas, decerto, não passa disso.

Por um lado, é impreterível congratularmo-nos com as redes sociais. Sem estas, muitas amizades já se teriam sepultado, em virtude do afastamento físico imposto. Certamente, muitos de nós já nos demos conta desta faceta da pandemia, pois, a título de exemplo, na ausência de meios tecnológicos, não estaríamos dispostos a redigir cartas a amigos e familiares (até porque, mesmo nos dias de hoje, demorariam eternidades!) e remeter-nos-íamos ao isolamento.

Por outro lado, ainda que proveitosa hodiernamente, a ideia, por muitos, advogada, de que a tecnologia deverá, no futuro, substituir a convivência social como, até há “instantes”, a conhecíamos é profundamente ilusória. Não será inutilmente que somos dotados de sentidos como o olfato, visão ou tato! Pois bem, o digital usurpa todas estas sensações. Exemplificativamente, quer seja nos bons, quer seja nos maus momentos, não é novidade que um abraço ou qualquer outra demonstração afetiva é, simplesmente, impraticável nas redes sociais e nem os *emojis* os poderão substituir. Ou então um novo perfume, que nunca poderia ser alvo de elogios! Por último, creio que, ainda que atenuie, momentaneamente, o desvanecimento das relações humanas, a socialização nas tecnologias jamais poderá perpetuar-se no tempo, vencendo as insubstituíveis presenças físicas. Um abraço ‘virtual’, confinado às redes sociais, não será, indiscutivelmente, tão aprazível como um dado pessoalmente!



Margarida Brazão
ES de Francisco Franco
(Funchal)

À conversa com... o professor Dionísio Caires

Em 1975, o professor Dionísio Caires ingressou na Faculdade de Direito de Lisboa e, posteriormente, transferiu-se para o ISEF da Universidade Técnica de Lisboa. Trabalhou em várias escolas, tanto em Portugal continental como na nossa região. Em 1986 chega à então denominada Escola Secundária de Santana, onde se tornou vice-presidente do conselho executivo. O mesmo ajudou a fundar alguns clubes desportivos em Santana. Além de dirigente desportivo, tem ligação à Casa do Povo de Santana, como presidente da Assembleia Geral, e à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Santana, como Secretário da Assembleia Geral. Na altura em que se aposenta, deixamos aqui uma conversa que tivemos com ele.



O que o levou a ser professor de Educação Física?

A escolha surgiu do gosto pelo desporto, quando frequentava o Seminário e o Liceu de Jaime Moniz. Ser professor de Educação Física, numa altura em que a área do treino desportivo ainda se estava a iniciar, foi o que mais me interessou.

Teve também responsabilidades nos órgãos de gestão da nossa escola. Quer falar-nos disso?

Iniciei a minha participação na gestão da Escola em 1984 como vice-presidente da Comissão Instaladora, estive no Conselho Diretivo durante 11 anos e depois fui presidente do Conselho da Comunidade Educativa de 2001 a 2014. Foram experiências enriquecedoras, pois permitiram-me ter uma visão abrangente do que tem sido a escola e o ensino ao longo dos anos. No Conselho da Comunidade Educativa, procurei promover a participação da comunidade escolar, nomeadamente Associações de Estudantes, Pais, Pessoal não Docente, entre outros.

Qual é a diferença entre dar aulas e trabalhar numa direção?

A direção escolar é, por um lado, trabalho de permanente resposta aos atores da educação, de procura de atividades de colaboração com outras instituições; e, por outro lado, a procura de propostas para o desenvolvimento duma escola de qualidade, com condições de trabalho para todos os agentes do ensino. Lecionar Educação Física é estar com os alunos, responder às suas necessidades e interesses, propor atividades importantes para o seu desenvolvimento físico, motor, emocional, socioafetivo, criar oportunidades de participação competitiva, de interajuda, com “fair play”, de sociabilização.

Que diferenças encontra entre a educação nos tempos em que iniciou e agora que cessa funções?

As diferenças entre 1980 e 2021 centram-se em vários aspetos decorrentes do tipo de evolução social, económica e política vigente ao longo dos anos. O alargamento da obrigatoriedade da escolaridade,

a evolução profissional, social e económica são alguns dos fatores que têm determinado as mudanças no ensino, repercutindo-se na forma de dar aulas.

Hoje, novos desafios surgem a cada momento levando o ensino a ter não de se adaptar, mas sim de antecipar cenários de mudança a cada dia que passa.

Terá alguns momentos marcantes na sua carreira que gostasse de lembrar?

Foram vários os momentos. Destaco a lecionação na Casa Pia de Lisboa em 1979 a jovens provenientes das ex-colónias, no meu segundo ano como docente; o ter feito parte dos órgãos de gestão da Escola e o ser eleito presidente do Conselho da Comunidade Educativa em três mandatos; o ter sido dirigente desportivo durante cerca de 35 anos; a criação das “Férias Desportivas”, projeto para crianças e jovens para ocupação dos seus tempos livres no verão; por fim, mas não menos importante, o desenvolvimento pessoal proporcionado pela Escola Básica e Secundária Bispo D. Manuel Ferreira Cabral.

Ana Jaques e Liliana Silva
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)

159 

Quero ser uma mosca

Quero ser uma mosca
Para poder sair daqui.
Ir para a luz que me ofusca
Me levar ao futuro que descobri.

Mas ser uma mosca? Sim.
Animal repugnante, indesejado
Que zumbe contra o pensamento? Sim.
Ao sê-lo ao menos ganho asas.

Aí, se fosse uma mosca...
E, pela força da imaginação
O meu desejo tornava-se realidade
Agora sou o bicho da minha salvação.

Finalmente chegou a hora
Sentir o vento, sentir o sol
Com toda a força, voo, sem demora!
Bati contra o vidro!

Tiago Castro
EBS de Machico

La guerra d'amore

Sentir, para quê?
Para um dia saber,
Que a dor de perder,
Era dor sem se ver,
E, de outrora esquecer.

De outrora esquecida,
Uma mágoa mentida,
Uma alma perdida,
Um amor de vendida,
E sem esta sofrida.

Um amor que morreu!
Sem tempo se perdeu,
E sem luz se esqueceu,
Para lua se estendeu,
Pois um dia me vendeu.

Lua esta que esmorece!
Nunca aquece, só arrefece,
Pois, como esta só aparece
Em tempo de guerra, não a merece!

Guilherme Rodrigues
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

7



Jornadas Culturais 2020

Momentos de deleite na arte

Se a presença física na escola teve de ser reduzida, lembrar bons momentos sustenta a convivência entre todos.

Entre os dias 18 e 20 de novembro de 2020, aconteceram, como já é habitual na nossa escola, as Jornadas Culturais: momentos de arte, momentos de cultura, momentos de deleite!

A abrir o evento, o grupo de teatro da nossa escola, *Voo à Fantasia*, brindou o público com a leitura dramatizada de excertos da obra *O Príncipezinho*, de Antoine Saint-Exupéry, e recebeu os prémios do Festival de Teatro Escolar Regional referente a 2019-2020. Ao longo do evento, foi tempo de espalhar cor, no *Workshop de*

Mandalas, de fazer magia, na atividade de feltragem de lã, *Lã Mágica*, de gesticular o pensamento, no *Workshop de Xadrez e Damas*, de partilhar sonhos e vivências, a partir da entrevista ao locutor/DJ Luís Gonçalves, a cargo do grupo de rádio da nossa escola, *Rádioàbrava*; de olhar a música em movimento, com o espetáculo de dança apresentado por alunos do 2.º ciclo, e de escutar *O fato novo do rei vaidoso*, de Hans Christian, pela voz de alunos do 6.º ano. Para encerrar estas jornadas de cultura, o Núcleo Histórico e Museológico Torre do Capitão presenteou os alunos do 2.º ciclo com a atividade *Vamos aprender a brincar*, de cariz lúdico-pedagógico.



Natacha Abreu
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

Dia Mundial da Poesia em São Vicente

Alunos dos segundo e terceiro ciclos e do secundário da Escola Básica e Secundária Dona Lucinda Andrade recitaram poesia, no passado dia 21 de março. A comemoração da efeméride consistiu em várias declamações de poemas, selecionados e gravados em vídeo por cada aluno participante. Algumas das recitações foram acompanhadas com música e por instrumentos musicais, revelando muita criatividade e emoção. Este projeto teve como principais objetivos celebrar o Dia Mundial da Poesia e sensibilizar os jovens para o gosto da leitura deste género literário. A atividade está apresentada em dois vídeos que podem ser vistos no sítio da escola.

Ana Sofia Neves

EBS D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)



+CRIATIVIDADE

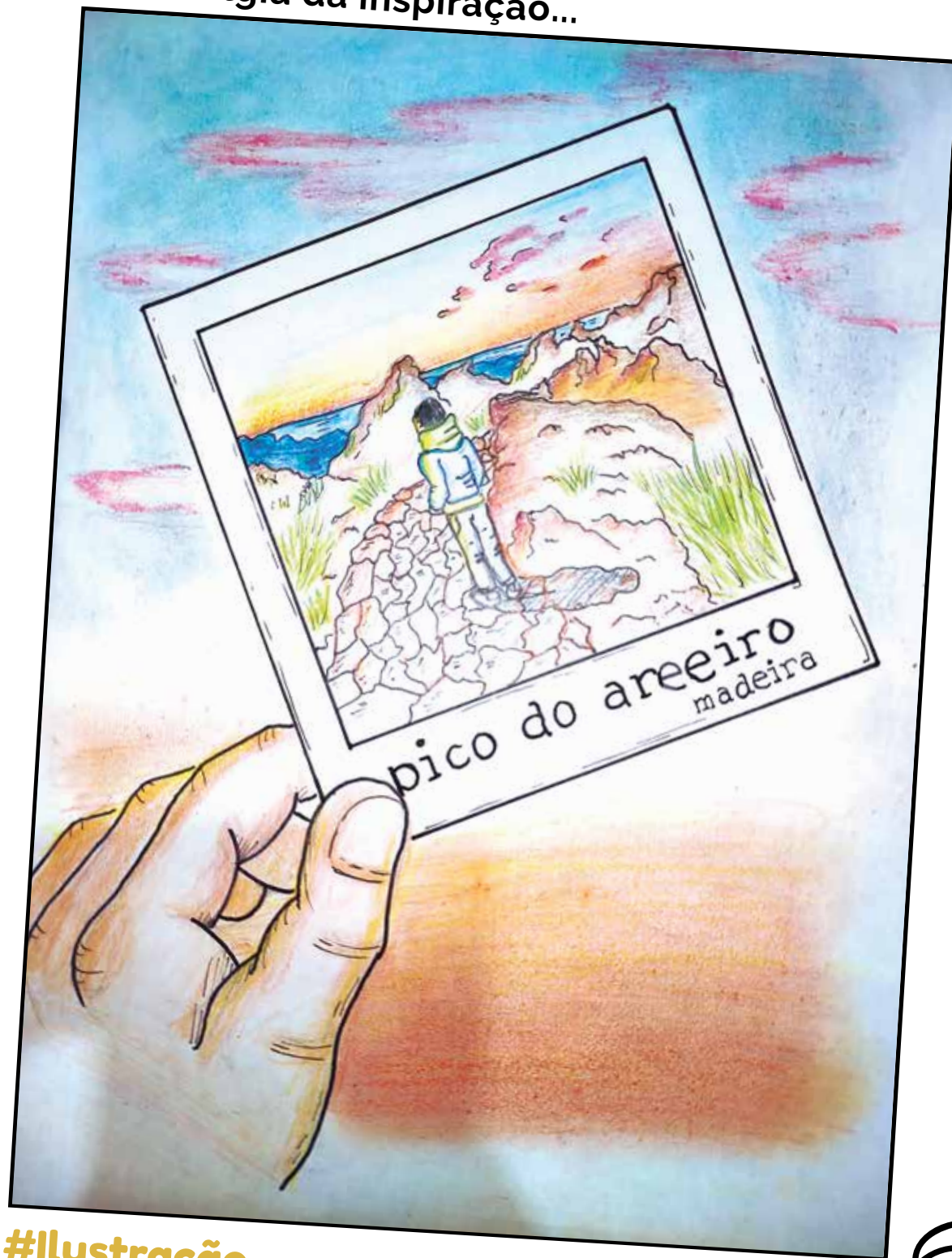
No irromper da primavera, brotou outro trabalho premiado pelo '+ Criatividade', o poema 'Raio de Sol', designado pelo Diretor Pedagógico do Conservatório – Escola das Artes da Madeira (CEPAM), Rui Rodrigues, como o mais criativo de maio. A autora, **Catarina Canada**, aluna da Escola Básica e Secundária de Machico, está, pois, de parabéns!

A Ponta do Sol – terra criativa e origem de artistas em diferentes áreas – revelou **Paula Álvaro**, vencedora do prémio no mês de fevereiro, com o conto 'Se ontem fosse amanhã', o que lhe dá direito a uma experiência artística no CEPAM, a decorrer oportunamente. Enquanto não se dissipam as nuvens da pandemia, o PV marcou um breve encontro e a aluna da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol não faltou à chamada, recebendo um diário gráfico para acolher os seus escritos vindouros. Na conversa de tom prazenteiro, o conto premiado cruzou-se com a edificação do futuro... «Quando não avançamos [por causa dos medos], tornamo-nos complacentes e essa complacência dá oportunidade a outro [medo]. É nesses mesmos momentos que nos tornamos quem somos. Há inúmeras formas de nos arrependermos e de perdermos muitas coisas por causa disso. Por isso, seguir em frente é o que importa.» «Tenho medo de não viver o suficiente, no sentido de a minha vida acabar e de eu não ter tomado as melhores decisões. Num país que acredita em futuros, acho que a mente jovem é especial. E eu quero ser alguém, eu preciso de ser alguém.»

Concurso Escolar

Se és aluno do
Ensino Secundário,
participa na tua
escola!

A nostalgia da inspiração...



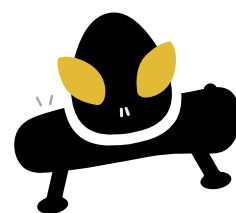
#Ilustração

Rosa Reis
EBS/PE da Calheta



grande
ideia

#InvestigaçãoHistórica



#Fotografia

Insólito

A Festa dos Compadres

A Festa dos Compadres, icónica de Santana, conhecida por toda a nossa ilha, é um evento bastante peculiar e por isso único, retratando com sarcasmo, ironia e comicidade, as "bilhardices" do concelho. A origem desta festividade remonta à segunda década do século XX, baseando-se numa tal 'Festa dos Compadres' de origem açoriana. Ficou a conhecer-se a existência desta através do Almanaque, muito popular entre a população do mundo rural, fundado em 1917. Alguém do lado norte da ilha resolveu adaptar essa mesma ideia ao seu concelho. As comadres, quem despoletou esta disputa que nos acompanha até hoje, na Quinta-Feira das Comadres, tomaram a iniciativa. Em plena manhã dos anos 50, surgiu um compadre enforcado num carvalho. Ora, os compadres ao olharem para o sucedido não acharam graça nenhuma e, mais tarde, juntaram-se e congeminaram a vingança: uma comadre bem "composta". Na quinta-feira seguinte, Quinta-Feira dos Compadres, apareceu então uma comadre vítima das atrocidades dos compadres, à beira da lagoa da vila, afogada. Além disso, o fogo de assobio também era essencial, pois, graças ao seu barulho característico, acentuava o momento de escárnio. Durante a semana das comadres, o fogo utilizado era o de assobio, enquanto que na dos compadres era o de estalo. As comadres, porém, não deitavam o fogo. Quem se encarregava dessa tarefa eram os compadres, que eram pagos com um quarto de litro de vinho. Assim se iniciou esta "guerra", na qual se citam, ainda, os infortúnios dos habitantes de Santana. No ano de 1964, introduziu-se o cortejo, que consistia no funeral da comadre. Esta estava vestida de branco e tinha um ramo de flores, fazendo-se acompanhar pelos compadres que choravam a sua morte. Este funeral percorria todas as freguesias, para irritar as comadres. Estas, num ato de vingança, fizeram um compadre (boneco), já bêbado, e levaram-no numa corsa, passando de taberna em taberna, citando versos. Estas celebrações terminavam no domingo "gordo" (domingo antes do carnaval), quando se procedia à leitura do testamento e da sentença, culminando na queima de ambos. Em 1968, surge a comadre gigante e o compadre anão, que quando a queria beijar, tinha de subir à escada que trazia consigo, causando regozijo entre os espetadores. À comadre, seguiam-se a Banda Municipal, os carros alegóricos, alunos das escolas primárias e, por fim, o grupo folclórico de Santana. A tradição mantém-se até aos dias de hoje, trazendo pessoas de todos os cantos da ilha para ver o espetáculo. Inicialmente, esta festa servia de "escape" à dura vida do campo, trazendo momentos de descontração à população. Os versos proferidos baseiam-se em acontecimentos marcantes do ano, até à data da festa, e na vida "alheia" do povo, retratando-o de forma irónica e cómica, devendo ser aceites com leveza, porque é Carnaval e ninguém leva a mal!

Bibliografia:

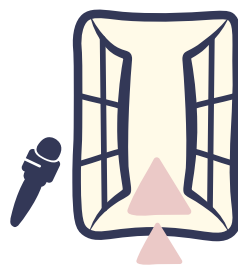
BATISTA ROSA, ANTÓNIO. (2004). *Memórias e Tradições Vivas do Povo de Santana (1924-1974)*. Editorial Eco do Funchal, 2004.
SILVA, CLÁUDIA. A Festa dos Compadres ao longo dos tempos. **Olhar da Biosfera**, Santana, n.º 2, 2012, p.6.

Angélica Mendonça

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



Joana Freitas
ES de Jaime Moniz
(Funchal)



#Reportagem

Uma pandemia... tantas oportunidades!

Século XXI, 2019, dezembro, China e um vírus até então desconhecido! O planeta parou e, em vez de girar à volta do Sol e sobre si mesmo, passou a rodar em torno do coronavírus e sobre milhões de mortes. Foi então que, confinada em casa, qual repórter da pandemia, percorri virtualmente o mundo.

Em África, no Quênia, na sede das Nações Unidas para o Meio Ambiente, ouvi Mark Radka, responsável pela Energia e Clima, dizer: «Esta pandemia alertou-nos sobre a necessidade de mudar a forma como vivemos, viajamos e vemos o mundo. Temos a oportunidade de reconstruir de uma forma mais sustentável e optar por medidas de baixo carbono que protegem a natureza e a biodiversidade, (...)».

De facto, com as quarentenas da pandemia, a emissão de gases baixou 40% na Europa comparativamente ao ano anterior. O vírus permitiu, portanto, reduzir os níveis de poluição.

Deixei Nairobi e voei até ao continente americano, aterrando em Washington. À chegada, 29 de janeiro de 2021, uma notícia ecoava em todas as televisões: *o continente americano ultrapassou a marca de um milhão de mortes causadas pela COVID-19 e mais de 44 milhões encontram-se infetadas*. Estes "números", que custaram lágrimas, dor e saudade, são a irónica oportunidade para valorizarmos cada vez mais as pessoas. A pandemia interpela-nos: de que vale chorar a morte quando não se valoriza a vida?

De Roma, surgiram palavras plenas de sentido da voz de uma alta figura da Igreja, o Cardeal Tolentino Mendonça: «A crise pandémica vem desativar muitas modalidades de construção do real e dizer que estão ultrapassadas. (...) As sociedades do futuro terão de potenciar sempre mais a importância e a centralidade do conhecimento.»

Esta oportunidade é força motriz para construir um amanhã novo e melhor!

Ainda no périplo pela Europa, percebi que muitos países valorizavam, como nunca, o conhecimento e a ciência! Na Alemanha, gostei de conhecer Ozlem Tureci e Ugur Sahin, o casal que, em tão pouco tempo, desenvolveu uma das vacinas contra a COVID-19. Não há dúvida que aos cientistas, merecidamente, foi dado palco mediático para brilharem e trazerem a luz da esperança ao mundo.

De regresso ao Funchal, enquanto subo a Fernão Ornelas, reflito: afinal este vírus deu-nos a possibilidade de exercer uma cidadania mais sustentável; de construir novos princípios para um mundo solidário e de centralizar verdadeiramente o conhecimento ao serviço da Humanidade.

Não terá sido a pandemia uma oportunidade que o universo nos deu?

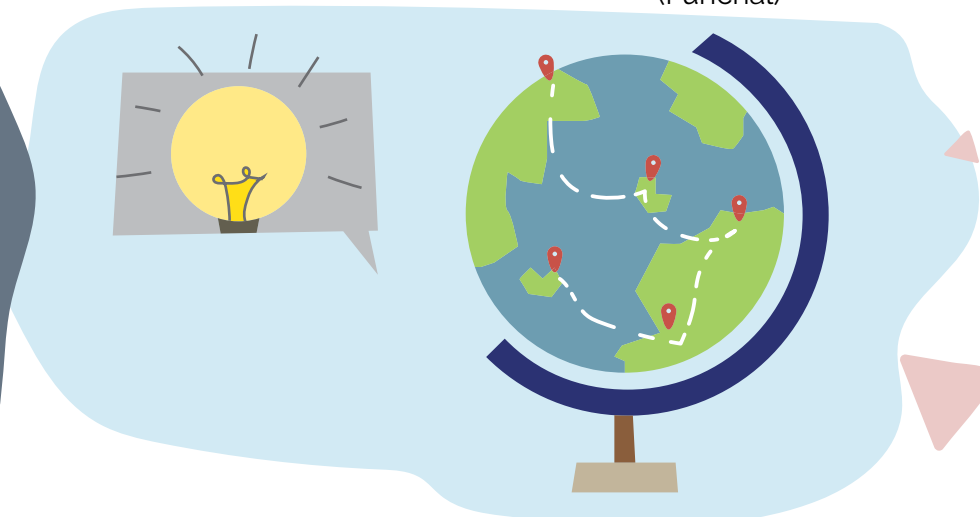
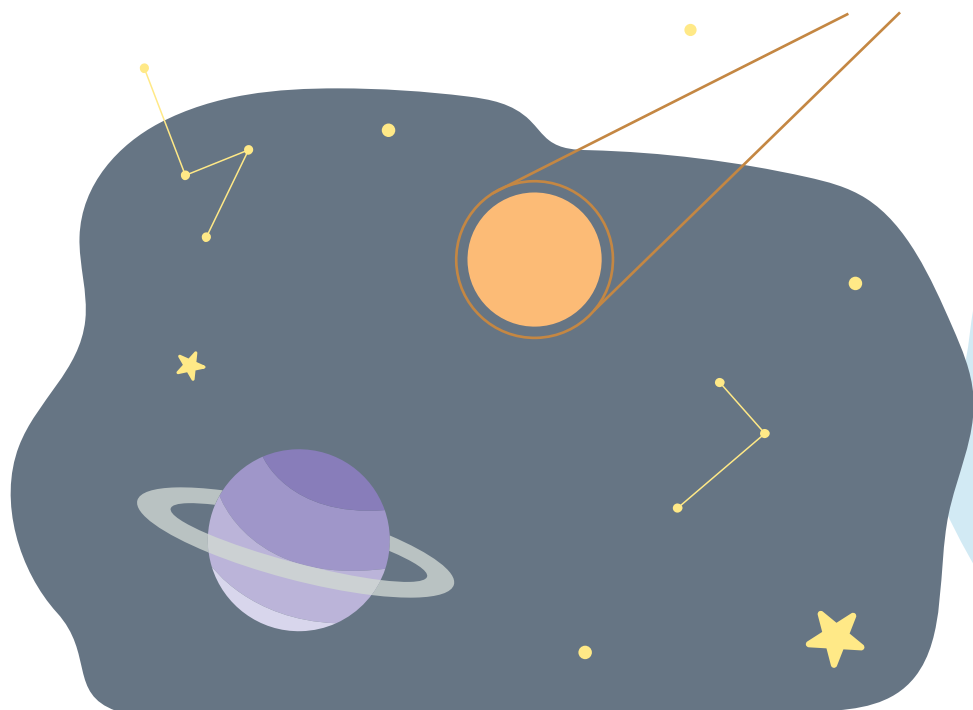
#Poesia

Astro Alado

Preso fica o corpo em terra de mortais
Prisioneiro, enclausurado, tal pássaro engaiolado
O espírito, esse será eternamente alado
Tão livre quanto o sol, as estrelas e os temporais

Tão perto estão as estrelas, a lua redonda
Os astros, o vazio e a liberdade incerta
Mas é de lá que a alma foge e retorna
A alma ousada de quem nasceu poeta

Zirtaeb
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



Maria Inês Santos
ES de Francisco Franco
(Funchal)

#Conto



Por dentro da sociedade

Vivo na chamada "cidade rica", na qual as pessoas com maior poder financeiro habitam mais a norte, e outras como eu, no sul. Sou a Carolina, tenho 17 anos e tenho um irmão, o Gabriel, com 15 anos. Os nossos pais divorciaram-se no Natal passado, e vivemos com o nosso pai que não tem muito dinheiro, contudo, isso não me incomoda, porque temos o suficiente para vivermos uma vida simples, como sempre a vivêramos.

Há um *blog* chamado 'Tudo – através de um blog', onde alguém, de forma anónima, escreve sobre temas intrigantes e, por vezes, também inúteis, sobre o que acontece por cá, embora as notícias que lá apareçam sejam, sobretudo, acerca de quatro amigos do Norte: a "elite do Norte".

Trata-se de quatro adolescentes, duas raparigas e dois rapazes da minha idade, com muito dinheiro, e que costumam organizar festas. Chamam-se Serena, Beatriz, Daniel e Carlos.

As férias de verão terminaram e as aulas vão começar.

O meu pai não conseguia pagar a matrícula dos filhos e eu e o Gabriel conseguimos uma bolsa de estudos. Estou ansiosa, visto que vou para a mesma escola do que a "elite do Norte". Sempre quis saber como seria ser como eles, mas, por outro lado, não quero iludir-me, nem infiltrar-me nas suas vidas, pois, tal como nos transmitiu o nosso pai, não devemos deixar que nos comprem; nada é tão valioso como a bondade e a lealdade. Não me parece que isto vá ser um problema, pois não somos gananciosos.

Já com os uniformes vestidos, fomos para a escola de autocarro, demorando cerca de meia hora a chegar.

Ao entrar na escola, dirigimo-nos de imediato para a sala de aulas. Constatamos que a "elite do Norte" está na minha sala. Por momentos senti-me observada, mas pensei tratar-se de uma impressão.

Após a primeira aula fui ao bar e encontrei a minha paixoneta de adolescência, o Daniel. Ele sorri-me e convida-me para uma festa de boas-vindas. Aceitei!

As aulas terminam e corro para casa e arranjo-me rapidamente. Uns minutos depois, o motorista do Daniel bate-me à porta.

Desço.

Chegamos à festa e não encontro ninguém. Acabo por receber uma notificação no telemóvel. É algo que saiu no *blog*.

Nele aparecia a minha fotografia e um pequeno texto a dizer: «parece que a cidade vai de mal a pior, agora até os simplórios vêm estudar para a nossa escola. Este tipo de pessoas tem que perceber que o Norte não é o sítio certo para eles.

Afastem-se de nós, pobretanas».

Fui enganada pela "elite do Norte". Não havia festa!

Foi uma brincadeira com o intuito de gozarem comigo.

Persisto! Não vou desistir desta escola, apenas porque haja quem considere que eu não pertenço. Eu e o meu irmão merecemos estudar aqui tanto quanto quem tem mais dinheiro.

Jéssica Ferreira

EBS Dr. Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)



#Poesia

Pensamento passageiro

Pensamento passageiro,
Porque fugiste de mim?
Volta por favor,
Preciso de ti.

Estou perdida nas palavras,
Sem saber o que escrever;
Não tarda muito
Poderei ensandecer.

Buraco vazio,
Em que estou a mergulhar;
Se ao menos o pensamento
Me viesse salvar! ...

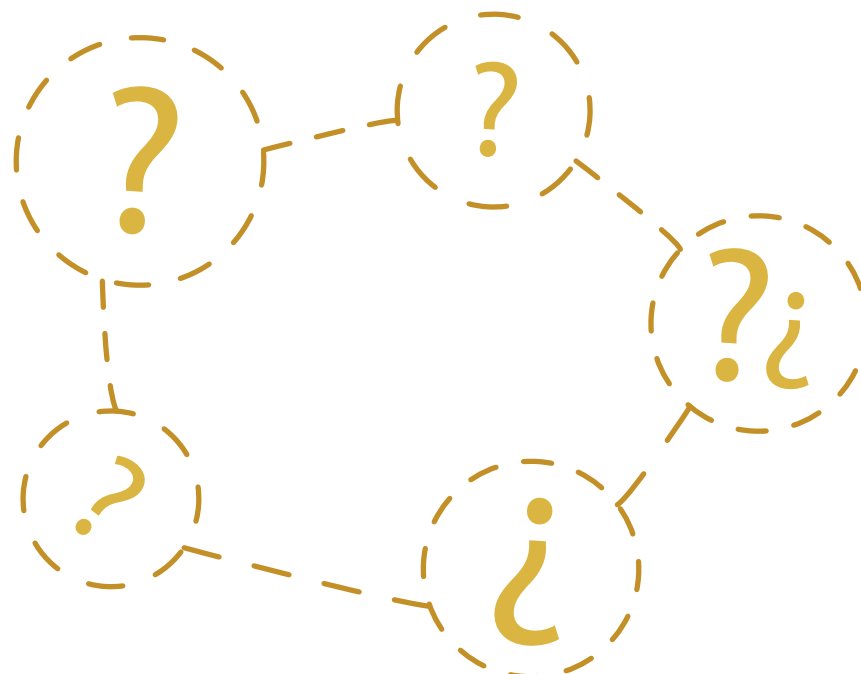
Estranha sensação
Que acabei de sentir,
Será que é o que preciso
Para me voltar a redimir?

Parece que não,
Foi tudo em vão.
Afundo-me em cada verso
Que escrevo à mão.

Pareces longe,
Mas sei que vais voltar;
Até lá,
Aguardo serenamente,
E por aqui vou ficar.

Ana Sofia Neves

EBS D.^a Lucinda Andrade
(São Vicente)



#InvestigaçãoHistórica

Festa da Nossa Senhora da Saúde

Um dos arraiais que tem vindo a crescer nos últimos anos é o arraial dos Lameiros, cuja padroeira é Nossa Senhora da Saúde, realizado na paróquia dos Lameiros, em São Vicente.

Como todas as paróquias, a paróquia dos Lameiros também tem a sua história, que remonta a 1961, quando o então Bispo da Diocese do Funchal, D. David Sousa, decidiu proceder à divisão das paróquias por toda a ilha. Surgiu assim a paróquia da Senhora da Saúde, composta pelos sítios da Achada dos Judeus, do Lombo, da Fajã dos Vinháticos, dos Lameiros, do Avieiro, do Cascalho, do Limoeiro e da Fajã das Corvas. Esta notícia rapidamente chegou aos ouvidos da população local, que unida se empenhou na construção de uma igreja que teria como padroeira Nossa Senhora da Saúde. Muitas foram as doações para a construção deste templo religioso, tendo sido o terreno doado pelo Sr. José Martinho de Freitas e sua esposa Maria Antónia. Finalmente, a 4 de abril de 1965 foi inaugurada a tão esperada igreja pelo Bispo do Funchal. Desde então, nos dias 1 e 2 de agosto, é celebrada a festa de Nossa Senhora dos Lameiros com uma série de nove missas e serviços religiosos especiais em sua homenagem, com as ruas "trajadas" a rigor, engalanadas com flores e verduras, atingindo o auge na igreja, cuja decoração é feita com flores frescas, numa profusão de cor e beleza inimagináveis.

Este é um tradicional arraial madeirense que, nos últimos anos, tem vindo a crescer e é já um dos maiores eventos do verão madeirense, atraindo milhares de jovens, especialmente emigrantes, com a tradicional espetada, o bolo do caco, e o vinho seco com laranjada. As barracas ladeiam a rua principal oferecendo os tradicionais colares de rebuçados embrulhados em papéis coloridos, que fazem brilhar os olhos de grandes e pequenos, as bonecas de massa, entre outros.

A parte religiosa deste arraial é composta por novenas e missas celebradas dentro da igreja, culminando com a habitual procissão pelas ruas, com os fiéis forasteiros e locais a cumprirem as promessas efetuadas ao longo do ano.

«No exterior e dando visibilidade ao aspeto profano da "festa", existem barracas de comes e bebes, e muita animação proporcionada por DJs numa discoteca ao vivo, grupos folclóricos e outros grupos musicais», que se prolongam ao longo de vários dias para gáudio dos muitos peregrinos e jovens.

Nos últimos dois anos, consequência da situação pandémica, a festa tem decorrido apenas no âmbito religioso, sem a ambiência profana, tão do agrado da população.

Webgrafia:

<https://www.facebook.com/paroquialameiros/>
<http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/o-que-fazer/eventos/pesquisa/festa-de-nossa-senhora-da-saude-lameiros>
<http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/o-que-fazer/eventos/pesquisa/festa-de-nossa-senhora-da-saude-lameiros>

Eunice Silva

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



#Poesia

As metáforas da minha vida

Estou sentada a pensar,
a pensar e a sonhar.

Estou sempre a sonhar acordada,
os sonhos são o meu alimento.
E o papel é meu confidente,
só ele me conhece bem.

Com ele partilho as minhas tristezas,
as minhas esperanças
e os meus sonhos.
Tudo o que sinto vai para ele.
Até os meus amores.

O lápis,
o lápis é meu aliado,
com ele já travei muitas batalhas.
Ainda travo...
Nem sempre ganho,
mas aprendo sempre algo,
o que me faz crescer um pouco.

Já os livros,
esses são mundos.
Com eles posso ir onde quiser,
além de serem meus abrigos,
lugares onde me refugio
das monotonias da vida.

A natureza também é abrigo,
lugar onde me acalmo.
Não é linda a natureza?
Mesmo nos pequenos detalhes,
a natureza é única e perfeita.

E o mar?
O mar é a minha curiosidade.
Quem não tem curiosidade?
Ela torna-nos humanos.
Sem ela o que seríamos?
Comuns animais,
que em nada acrescentariam.
Se é que acrescentamos...

vida

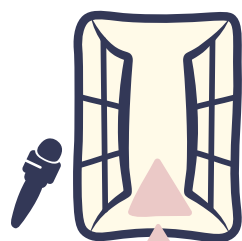
Mas também é sede de aventura,
De explorar o inexplorado.
Conhecer novos sítios,
sem temer os perigos.
Sempre com cautela,
não me vá afogar.

O escuro são dúvidas,
receios e medos.
É a adversidade da vida.
Fazendo parte da vida,
pego na escuridão,
junto-a com a luz
e faço uma noite estrelada.

Se a escuridão é o medo,
a luz é a certeza,
as esperanças e a coragem.
Que todos necessitam,
que todos deveriam ter,
mesmo em momentos difíceis.
Para quê viver sem luz?
Ou mesmo sem escuridão?
Desde que estejam equilibradas,
ambas são necessárias.

E assim,
com as metáforas formadas,
formo a minha vida também
com tudo de bom e de mau.
Afinal a vida é mesmo assim,
como uma constante luta
em que dois opostos colidem.

Ângela Santos
EBS de Santa Cruz



#Reportagem

As oportunidades não surgem, criam-se

Tomás criou a sua própria oportunidade através do contingente Madeira para alcançar os seus sonhos e objetivos. Tomás Nascimento tem 18 anos e estuda no Instituto Superior Técnico, mas foi na Escola Básica e Secundária com Pré-escolar e Creche do Porto Moniz que começou o seu percurso escolar. Trata-se de uma instituição com um número reduzido de estudantes, mas isso pode ser um fator positivo. «O facto de haver poucos alunos acabou por ser benéfico a nível pedagógico, porque nos permite explorar a matéria com mais calma», opinou Tomás. Durante o ano escolar de 2020/2021, ingressou no curso de Engenharia Aeroespacial, uma licenciatura almejada por muitos estudantes, mas de difícil acesso. Este ano letivo a média de entrada foi superior a 19 valores. Tomás Nascimento explicou como conseguiu entrar no ensino superior, criando a sua própria oportunidade. «A minha média

foi 19 valores, todavia a média do último colocado pelo contingente geral foi 19,13. Candidatei-me através do contingente Madeira e consegui entrar». Começou a estudar na sua primeira escolha e fê-lo pela sua preferência em matemática e física, o que, por ainda não saber ao certo o que quer fazer, foi o fator decisivo para se candidatar ao curso. Segundo Tomás, é uma licenciatura muito interdisciplinar e acaba por ser uma fusão entre Engenharia Eletrotécnica e Engenharia Mecânica. Até agora, as suas expectativas foram superadas, mesmo que ainda agora tenha começado a dar os seus primeiros passos. «Ainda estou a estudar as bases científicas, mas já tive alguns projetos que gostei de realizar», salientou o jovem. Descreve as suas relações, no ambiente académico, como sendo muito importantes para o sucesso, pois as pessoas do curso são muito amigáveis e sempre dispostas a ajudar-se mutuamente. Essa conjuntura

acaba por ser muito benéfica e quase essencial, porque aprender em conjunto é muito mais produtivo. Tomás Nascimento deixou um conselho aos mais jovens: «apliquem-se ao máximo possível no secundário e tentem subir a vossa média, para que isso não seja um obstáculo que vos impeça de fazer o que gostam». Acrescentou que «Mais vale três anos de esforço para depois estudar algo que realmente queremos». O jovem estudante quer seguir exploração espacial, porque diz gostar de contribuir para a humanidade, levando-a o mais longe possível. Concluiu, dizendo que «cada indivíduo deve fazer a sua própria oportunidade para conseguir alcançar os seus objetivos profissionais».



Margarida Sousa
EBS/PE/C do Porto Moniz

#Ilustração



Inspirassol



João Vieira
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



#Conto

«Na fonte está Leonor
Lavando a talha e chorando,
Às amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?»

Luís de Camões

#Poesia

A minha heroína

A minha heroína
É uma pessoa muito especial.
Ela dá-me muito ânimo
Para seguir...
Ela é muito carinhosa!
Ela está sempre disponível!
Ela ajuda!
Ela dá força seja a quem for!...
Desde pequenina
Sou muito unida
À minha heroína.
Agora, mais ainda!
Alguns acontecimentos
Nos fortaleceram,
E assim melhoramos
O que havia de ser melhorado
Para sermos a versão plena de nós.
Eu e ela
Temos uma ligação muito bonita!
Sempre nos apoiamos uma à outra.
A minha Mãe,
A maior heroína do mundo!
Eu dou graças a Deus por isso!

Marialejandra Vieira
EBS da Ponta do Sol

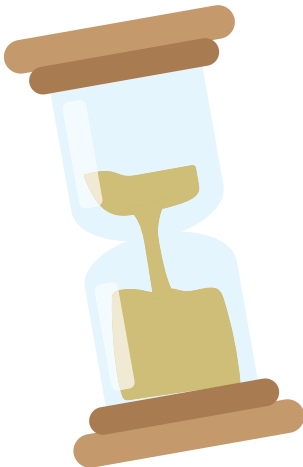


SUPER-MÃE

A cicatriz do amor

Após Leonor ter chegado à fonte e ter derramado mil lágrimas relativas ao desaparecimento inconveniente do amado, perguntou às suas três amigas o que acontecera. Beatriz, a mais fiel, mas a menos atraente, andava de um lado para o outro como uma pilha de nervos, pois preocupava-se com o estado de Leonor. Maria, a mais rebelde, também não sabia nada dele e, apesar de ajudar a sua amiga, mostrava uma certa paixão pelo tal amado desaparecido. Por fim, Teresa, com uma carta na mão, virou-se para Leonor e disse: – Leonor, recebi uma carta do meu irmão. É sobre o teu amor. – Foram boas as notícias? Deixa-me ver. – perguntou, ainda a limpar a cara vermelha de tanto chorar. – O teu irmão voltou da guerra, certo? Será que ele... – Menos, Beatriz. – prosseguiu Teresa – Ele já não te olha com admiração. Acho que percebes o que quero dizer. – Não posso crer! Leonor jogou-se para o chão ainda mais aflita. Até os pássaros que rondavam aquela fonte mágica desapareceram como se surgisse uma súbita tempestade. Esse temporal era o seu amor perdido no meio do poço fundo onde a escuridão assustadora dominava. A sua alma foi atingida como se treze flechas lhe tivessem perfurado o coração. As amigas, sem reagir, olhavam umas para as outras. Só Maria sentira uma íntima satisfação, pois apesar de compreender o sofrimento da sua amiga, ainda continuava apaixonada por ele. No final da tarde, o Sol descia para erguer a sua amada, a Lua. No seu íntimo, Leonor reconhecia que havia muito tempo que isso já não acontecia entre eles. Despedia-se virada para o Sol como se fosse o seu amado, pois os seus dias nunca mais iriam ficar brilhantes e claros. Passados alguns anos, ainda na mesma aldeia e na mesma casa, Leonor via os seus netos crescidos a sentir o amor pela primeira vez. Casada com um sapateiro humilde, porém ainda o rosto do seu primeiro amado rondava nas suas memórias. Quando saiu, no meio da multidão da sua rua, avistou o seu primeiro amor, ainda muito novo. Colocou as mãos sobre a boca, não conseguia acreditar. Ninguém olhava para ela e tudo se movimentava no sentido do sol nascente. De repente, o rapaz fitou-a e sussurrou: «Está na hora». Deu o seu último suspiro e correu atrás dele.

Vera Borges
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)



#InvestigaçãoHistórica

A tradição nos arraiais

Na nossa Região, as festas e romarias, com tradição secular, estão ainda muito enraizadas na vida dos ilhéus. Na atualidade, são cerca de 115 as festas e romarias que se distribuem por todo o arquipélago, durante todo o ano, num ambiente de muita devoção, alegria e diversão, suscitando a curiosidade quer dos residentes, quer dos que nos visitam.

Quando falamos deste tema, apenas nos lembramos da ocasião da festa e não de um aspeto igualmente importante e onde a população colabora em união: os dias da sua preparação. Outrora, nos preparativos das decorações dos arraiais, era tradição a reunião dos moradores para as compor, em horário pós-laboral, sendo também um momento de novas amizades e de convívio. Cada local tinha decorações, temas e motivos diferentes dos demais, podendo assim diferenciar-se dos outros e ter, de certa forma, uma decoração mais original e única. Todavia esses momentos já são muito raros, em resultado do surgimento de empresas de decoração de arraiais, chegando a contar com quase 60 anos de existência. Porém, muitos dos artefactos antigos e tradicionais continuam a ser

usados nas festas da Região.

Não sou frequentador de arraiais, mas existe um deles que é uma referência para mim, porque me faz lembrar a minha avó. Esta, emigrante, sempre que vinha à Madeira, frequentava o arraial de São Vicente, a sua terra natal, a cada última semana de agosto. Dizia-me que no seu tempo a festa era vincadamente tradicional. O ênfase acentuado da componente religiosa, com uma missa e procissão, contrastava com o seu caráter profano, no qual os Madeirenses podiam desfrutar de diversas tradições, com destaque para as iguarias típicas, como a espetada regional e o bolo do caco acompanhados de vinho seco, nas diferentes barracas de madeira erigidas para o efeito, situadas por baixo de corredores ornamentados com flores concebidos com papel de seda. O colar de rebuçados colocado ao pescoço, sobretudo dos mais novos, era uma marca de imagem do arraial. Os grupos de folclore regionais, bem como as bandas filarmónicas, de presença assídua, davam cor, som e animação tão típicos da época. Mas a coroa da festa era o tapete de flores, de uma esquematização e colorismo sem par, contemplada por todos os que

a frequentavam. Porém, na atualidade, o ecletismo da agora denominada Festas do Concelho é mais evidente. Se por um lado, mantém boa parte da tradição, por outro, exibe um vasto cartaz de manifestações culturais e sociais mais atuais. Deste modo, a festa constitui um atrativo para todas as faixas etárias, desde o moço ao ancião. Enquanto jovem, identifiquei-me naturalmente com algumas destas atividades. Contudo, enquanto Madeirense e orgulhoso da nossa cultura, entendo que a verdadeira tradição deste e de outros arraiais está tendencialmente a ser sacrificada. Apelo, pois, à sua conservação, porque uma comunidade sem uma identidade cultural é inevitavelmente uma comunidade sem história.

Webgrafia

<https://www.madeira-web.com/pt/o-que-se-passa/eventos-madeira.html>

https://www.rtp.pt/madeira/cultura/festas-e-romarias-da-madeira-podem-ser-recordadas-na-colecao-cadernos-de-campo-_33575

Imagem 1: <https://www.pportodosmuseus.pt/2019/06/30/festas-e-romarias-da-madeira-em-exposicao-no-museu-etnografico/>

Imagem 2: <https://www.aluguer-carros-baratos.com.pt/ferias/eventos-na-madeira-agenda-cultural-funchal-o-que-fazer-na-madeira/>

Imagem 3: https://www.jm-madeira.pt/regiao/ver/69998/Autarca_faz_balanco_extremamente_positivo_das_Festas_de_Sao_Vicente



Rui Santos
Escola da APEL
(Funchal)

#Fotografia



A pandemia, momentos de reflexão!



Adriana Martins
EBS de Machico